



A MORTE DE LACAN: UM DOS NOMES DO NÃO-SER E CAUSA EFICIENTE DO *PARLÊTRE*

Lacan's Death: One of the Names of Non-Being and Efficient Cause of Parlêtre

Allan Martins Mohr¹

RESUMO: Este artigo tem como objetivo aprofundar o estudo de três temas destacados a partir de uma construção lacaniana em 1955, acerca de seu conceito de Outro. Construção na qual o autor sustenta seu Outro o referido às últimas hipóteses parmenidianas no texto platônico, a um real dito radical e a uma relação com o instinto de morte. Esse caminho visa, por fim, ratificar a tese de que a morte é causa primeira e eficiente do *parlêtre*. Em outras palavras, intentamos confirmar a proposição de que é possível compreender o problema da morte como primeiro em relação ao impasse sexual e que essa morte deve ser entendida e descrita como causa eficiente do falasser.

PALAVRAS-CHAVE: Psicanálise; Outro; Real; Morte; *Parlêtre*.

ABSTRACT: This article aims to deepen the study of three themes highlighted from a Lacanian construction in 1955, about its concept of Other. Construction in which the author sustains his Other as referred to the last Parmenidian hypotheses in the Platonic text, to a radical real and to a relationship with the death instinct. This path aims, finally, to ratify the thesis that death is the primary and efficient cause of the *parlêtre*. In other words, we intend to confirm the proposition that it is possible to understand the problem of death as first in relation to the sexual impasse and that death must be understood and described as an efficient cause of *parlêtre*.

KEYWORDS: Psychoanalysis; Other; Real; Death; *Parlêtre*.

Na aula de 29 de junho de 1955, ao explicar sobre o esquema utilizado para compreender as relações imaginária e subjetiva, Lacan explica sua construção do A, do Outro dito radical, enunciando que ele é tal como se encontra nas duas últimas hipóteses de Parmênides. Além disso, ainda explica que esse Outro também é o real apreendido em sua especificidade radical, outrossim, é também o espaço no qual Freud inscreve a relação com a pulsão de morte. Resumindo, o Outro radical é como o encontramos na “oitava ou nona hipótese de Parmênides, [...] é também o real em seu caráter igualmente mais radical, o

¹ Doutor em filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) e professor de psicologia na FAE Centro Universitário. E-mail: allan.mohr@gmail.com

polo real da relação subjetiva, e [...] é também [...] o que Freud descreve como o lugar onde se inscreve *a relação com o instinto de morte*”².

Descrito assim esse entendimento de A, almeja-se neste artigo estudar os três temas destacados – a condensar: (a) as hipóteses parmenidianas, (b) o Outro como real radical e (c) a relação com o instinto de morte – para ratificar a tese de que *a morte é causa primeira e eficiente do parlêtre*; em outras palavras, objetiva-se confirmar a proposição de que, para Lacan, é possível compreender o problema da morte como primeiro em relação ao impasse sexual – ou qualquer outro – e que essa morte deve ser entendida e descrita como causa eficiente para aquilo que é da ordem do falasser.

Intenta-se esse percurso por considerarmos que Lacan constrói uma ideia de homem – se nos for permitido reduzir as concepções de falasser, desser, falta a ser e outras, à palavra homem – radicalmente distinta daquela proposta por Freud, porque sustentada em uma acepção que parte de um princípio ou uma *arché* negativa; proposta, aliás, impossível de ser sustentada desde Freud. Com o austríaco, vemos um homem-*individuum*, partidário das *res* cartesianas, sustentado em um Eu racional (*res cogitans*) e marcado pelas pulsões e zonas erógenas (*res extensa*). O indivíduo freudiano se sustenta num homem moderno, racional por excelência, apesar do inconsciente. Cabe lembrar como que, para Freud, o percurso de uma análise deveria levar o paciente a um maior controle racional de seus impulsos instintivos, ou pulsionais, se desejarem; afinal, aquilo que a psicanálise busca enquanto terapêutica é “fortalecer o ego [...], ampliar seu campo de percepção e expandir sua organização, de maneira a poder assenhorar-se de novas partes do isso”³. Lembremos que Freud era um pensador de sua época e construiu sua proposta científica com bases na evolução, na representação e, além do mais, na linguística de Karl Abel, na física newtoniana e na lógica euclidiana⁴.

Com Lacan, as coisas são outras, uma vez que o psicanalista francês sustentou suas construções agregando à psicanálise a linguística de Saussure, Benveniste e Jakobson, os estudos da pragmática, em específico de Austin, a antropologia dita estrutural, de Claude Lévi-Strauss, a epistemologia de Koyré, a física relativista, a incerteza de Heisenberg, entre outros tantos constructos. Ainda, se quisermos condensar, Lacan trabalha sustentado em quatro ciências: “linguística, lógica, topologia e antifilosofia”⁵. Com isso, o homem que se

² LACAN, Jacques. *Le moi*, 1955, p. 300 (tradução e grifos nossos).

³ FREUD, Sigmund. (1933 [1932]). Conferência XXXI: A dissecação da personalidade psíquica. In: _____. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996b, p. 84.

⁴ EIDELSZTEIN, Alfredo. *Otro Lacan*. Buenos Aires: Letra viva, 2017.

⁵ EIDELSZTEIN, Alfredo. *Otro Lacan*. Buenos Aires: Letra viva, 2017, p. 183 (tradução nossa).

apresenta a partir de Lacan não se mantém mais como Freud o havia pensado e construído. Já não se trata mais de um indivíduo composto por Eu, Isso e Supereu, que no limite tem e habita um corpo e cujas pulsões se apresentam para resolver o problema cartesiano – de onde conectar espírito e *res extensa*. Senão, o homem lacaniano, e essa é a tese que ora optamos por defender, é causado desde um negativo, um lugar negativo, quicá um buraco, se desejarem. E, para esse lugar, escolhemos a morte como um de seus nomes – escolha que não é aleatória, diga-se de passagem.

1. O problema de Parmênides

Iniciando a construção de nossa tese, retomemos a citação de 1955 de Lacan, no *Seminário 2*, para lembrar que ao final desse período do seu ensino Lacan explica o conceito de Outro, A, dizendo que o Outro em sua forma radical é o Outro “da oitava ou nona hipótese de Parmênides”⁶.

Pois bem, na tentativa de compreender essa relação, buscamos as tais hipóteses parmenidianas nos fragmentos de sua *Sobre a natureza* para nos espantarmos ao não encontrar algo parecido com as ditas conjecturas assinaladas por Lacan. Nada obstante é dizer que, ao menos na coletânea realizada pela Editora Nova Cultural e intitulada *Os Pensadores*, o texto de Parmênides está circunscrito a dezenove fragmentos apenas – além das críticas e doxografia – nos quais, como já dissemos, não encontramos as referidas hipóteses⁷. Nesses fragmentos, contudo, conseguimos reconhecer a construção do autor acerca do ser, sua ontologia, em especial a conclusão de que o ser “ou totalmente é necessário ser ou não”⁸ (fragmento 8, na *Física*, de Simplicio), e que “necessário é o dizer e pensar que (o) ente é; pois é ser, e nada não é”⁹ (fragmento 6, na *Física*, de Simplicio). Em resumo, acerca do ser de Parmênides, podemos afirmar que ele é, enquanto o nada, ou o não-ser, não é e nem pode ser.

Mas sobre as hipóteses lembradas por Lacan, não a encontraremos de fato no *Sobre a Natureza* do pré-socrático, senão no diálogo platônico intitulado *Parmênides*. Sem a pretensão de interpretar ou explicar filosófica ou historicamente o referido diálogo, cabe

⁶ LACAN, Jacques. *Le moi*, 1955, p. 300 (tradução nossa).

⁷ SOUZA, José Cavalcanti (Org.). *Pré-Socráticos - Vida e Obra: fragmentos, doxografia e comentários* (Coleção Os Pensadores). São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999.

⁸ SOUZA, José Cavalcanti (Org.). *Pré-Socráticos - Vida e Obra: fragmentos, doxografia e comentários* (Coleção Os Pensadores). São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999, p. 123.

⁹ SOUZA, José Cavalcanti (Org.). *Pré-Socráticos - Vida e Obra: fragmentos, doxografia e comentários* (Coleção Os Pensadores). São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999, p. 122.

dizer que ele acontece tendo como personagens principais, mas não exclusivamente, Sócrates, Zenão e Parmênides, e tem como tema central a proposta parmenidiana de um ser ou, na escolha textual de Platão, um *um* que é todo¹⁰. Aliás, cabe destacar que o próprio Lacan concorda com a escolha platônica de dizer *um* ao invés de *ser*. Em sua aula de 15 de março de 1972, no *Seminário 19*, diz o psicanalista que Platão distingue o *um* do *ser* ”porque o Ser, por sua vez, é sempre Um, em todo caso, mas o fato de o Um não saber ser como o Ser, isto é o que fica perfeitamente demonstrado no *Parmênides*”¹¹. Interessante notar como Lacan sustenta que o *um* não sabe ser, ou seja, que o *um* não é *ser* – talvez porque o psicanalista precisa marcar sua posição antiontológica, retirando de cena o ser e mantendo em questão o *um*, ou o Outro.

Retomando o texto de Platão, cabe ressaltar que, não obstante a tese de Parmênides aparecer já no início do diálogo pela boca de Sócrates (o *ser* é, e o não *ser* não é), o texto rumo a um desfecho no qual o próprio Parmênides procura construir sua ratificada verdade por meio de demonstrações desenvolvidas como levantamentos hipotéticos. Nesse sentido, o pré-socrático toma a Aristóteles como interlocutor para colocar em andamento as suas questões e desenvolve um conjunto de nove hipóteses. Delas, as cinco primeiras dão conta de tentativas acerca de um entendimento no qual o ser, ou o *um*, é; e, da sexta hipótese em diante, Parmênides propõe colocar em questão as consequências de se pensar o *um* não sendo.

Posto isso, encontramos nas duas últimas hipóteses de Parmênides, nas quais Lacan declara localizar seu Outro radical. Agora, duas questões se apresentam antes da análise do texto: a primeira é que, no dito lacaniano, encontramos um “ou” que nos intriga, uma vez que seu Outro “é o da oitava *ou* nona hipótese”; e a segunda é o fato de o psicanalista dizer que seu Outro é aquele que está como que descrito nessas hipóteses. Desta última, destacamos que Parmênides não fala de um Outro, mas de um *um*. Então, temos que vincular o Outro radical lacaniano a esse *um* do qual fala o pré-socrático, muito embora nessas últimas hipóteses, é de um *um* que não é que se trata. Posto isso, uma premissa importante se aponta: o Outro radical de Lacan é da ordem de um não-*um*, ou de um *um* que não é; guardemos essa solução.

Já sobre o primeiro problema, o *ou* utilizado por Lacan nos intriga porque, ao escutar ou ler o seminário, parece-nos que Lacan não se lembra muito bem em qual das hipóteses localizar seu Outro radical – na oitava *ou* na nona –, como que esquecido de qual conjectura

¹⁰ PLATÃO. *Parmênides*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2003.

¹¹ LACAN, Jacques. (1971-1972). *O Seminário, livro 19: ...ou pior*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012, p. 130.

desejava falar. Contudo, ao retomarmos o texto platônico, encontramos que ambas as hipóteses tratam de um questionamento sobre a possibilidade de *um* que não é e, então, entendemos possível compreender o *ou* de Lacan conotando um “tanto faz”. É como se o francês nos dissesse que seu Outro radical é aquele que se encontra na oitava *ou* na nona hipótese de Parmênides, *tanto faz*; “escolha qualquer uma delas porque o sentido é equivalente”. E essa escolha, pelo *ou* como conjunção coordenativa denotando eletividade, aparenta-nos ser satisfatória, considerando as construções realizadas por Parmênides em ambas as hipóteses. Vejamos como sustentar essa predileção.

A oitava conjectura inicia com a pergunta de Parmênides a Aristóteles: “se *um* não é, como é necessário as outras coisas estarem afetadas?”¹², à qual responde em seguida dizendo que o *um* não sendo, as coisas deveriam se diferenciar exclusivamente entre si por uma “alteridade recíproca”¹³. Dessa forma, podemos ler que o Outro radical, que não é e, justamente por não ser, obriga as coisas a serem distintas entre si por sua própria diferença – lembremo-nos que o significante, para Lacan, é da ordem de uma genuína diferença. Nas palavras do filósofo de Eléia, sob a pena de Platão, lemos: “é como quantidades que elas são outras em suas relações mútuas. Pois, como unidades não poderiam ser, uma vez que *um* não é”¹⁴. Já na nona hipótese, é possível ler o problema da consequência para as coisas a considerar o não-ser do *um*, ou que o *um* não é. Então, interroga Parmênides: “se *um* não é, mas são as coisas outras que o *um*, o que é necessário que seja?”¹⁵. Ao que ele mesmo retorque: “as outras coisas não serão *um*. [...] Tampouco certamente múltiplas. Pois em coisas múltiplas, em sendo elas, estaria também o *um*. Pois, se nenhuma delas é *um*, todas juntas não são coisas nenhuma, de modo que tampouco coisas múltiplas serão”¹⁶. As coisas tampouco seriam, caso o *um* não fosse; mais um ponto para guardarmos.

Parece-nos que ambas as hipóteses servem ao propósito de Lacan, uma vez que afirma o não-ser do *um*, ou melhor, conjectura um *um* que não é, implicando ao seu Outro radical que não seja, que não tenha essência ou ainda, que seja entendido como insubstancial. Assim, ficaríamos com a premissa: *o Outro radical não é*. Além disso, essa leitura aponta as consequências necessárias dessa não-substância do *um* para as demais coisas, a destacar: a multiplicidade das coisas pela própria alteridade e a insubstancialidade dessas mesmas

¹² PLATÃO. *Parmênides*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2003, p. 125.

¹³ PLATÃO. *Parmênides*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2003, p. 125.

¹⁴ PLATÃO. *Parmênides*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2003, p. 125.

¹⁵ PLATÃO. *Parmênides*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2003, p. 129.

¹⁶ PLATÃO. *Parmênides*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2003, p. 129.

coisas múltiplas. Com isso em mente, propomos seguir a discussão do dito lacaniano em 1955.

2. O real

É em sua aula de 25 de maio de 1955, praticamente um mês antes da citação aqui analisada, na qual Lacan introduz o conceito de Outro¹⁷, escrito assim, com maiúscula, e quando explicitamente nos diz que “é bem dele [d’Outro] que se trata quando se trata da função da fala”¹⁸. Então, justamente ao trabalhar as bases da distinção do simbólico, imaginário e real, Lacan designa seu Outro, A, como função da fala; e, se lembrarmos de seu *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*, poderemos denotar tal função como criadora, afinal, diz ele que a fala, “em sua função simbolizadora, ela não faz nada menos do que transformar o sujeito a quem se dirige, através da ligação que estabelece com aquele que a emite”¹⁹. Recordemos do esquema que ele vai apresentar nessa mesma aula de 25 de maio de 1955 para reconhecer esses lugares: de A, a fala é emitida e dirigida a S (A → S). Mas então, como vincular o adjetivo real a esse Outro? É só lembrarmos que Lacan, em 29 de junho do mesmo ano, diz ser seu Outro radical “o real em seu caráter igualmente radical”²⁰ e a confusão está posta. Como algo que é da ordem da função da fala, portanto simbolizadora, poderia ser equiparado ou, ainda, ser análogo ao real? O que conseguimos neste momento responder é que esse real, adjetivado ao Outro radical nesse *Seminário*, não é o mesmo real que aparece no nó borromeu.

Cabe dizer, a guisa de justificação, que logo após o surgimento do Outro com maiúscula, Lacan cita algo de *Parmênides* para, em seguida, voltar a falar sobre planetas; e justamente do problema de que os planetas não falam. Na sequência, ele explica que os planetas não falam por não terem bocas e que as estrelas tampouco falam porque, além de não terem bocas, são reais. Nesse sentido, Lacan nos diz que elas são “integralmente reais, [...] não há absolutamente nada que seja da ordem de uma alteridade para elas-mesmas [e] são pura e simplesmente o que são”²¹. Por conseguinte, parece-nos que o real ao qual Lacan se refere nesse momento, e com o qual significa seu Outro radical, é da ordem de uma certa

¹⁷ ROUDINESCO, Elisabeth & PLON, Michel. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

¹⁸ LACAN, Jacques. *Le moi*, 1955, p. 221 (tradução nossa).

¹⁹ LACAN, Jacques. (1953). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998b, p. 297.

²⁰ LACAN, Jacques. *Le moi*, 1955, p. 300 (tradução nossa).

²¹ LACAN, Jacques. *Le moi*, 1955, p. 223 (tradução nossa).

plenitude, contudo, uma plenitude pré-ontológica. Ou seja, isso que Lacan aqui estaria chamando de real não é o mesmo que se encontra no nó borromeu, mas um real vinculado a uma causação, e que poderíamos denominar absoluto. Recorrendo a algumas passagens do *Seminário* sobre as *Psicoses*, no ano seguinte de seu ensino, encontramos o constructo de um Outro absoluto, e absoluto justamente por possuir um valor fundador. Ao largo com o fato de esse Outro absoluto ser encontrado na paranoia, Lacan vai dizer que esse Outro absoluto é um “Outro absolutamente radical”²², além de ratificar que o Outro é um lugar e não é um ser.

Então, parece-nos que esse real, agora retornando ao segundo *Seminário*, pode ser dito relativo a uma concepção de *arché* e, porque tem relação com a função da fala, pode ser designado ou assemelhado ao *Lógos*. Se “Parmênides estava errado e Heráclito tinha razão”²³, então é possível dizer que esse real de 1955 é da ordem do *Lógos* heraclítico, o *Lógos* que lemos em “no princípio era o *Lógos*”, o Verbo – nada mais próximo da função motriz e causadora da fala. Esse é o real do Outro radical de 1955; o real do nó borromeu parece ser distinto – esse será relacionado ao impossível lógico-matemático, no sentido de que o real é aquilo que estabelece o impossível lógico-matemático; lugar, diga-se de passagem, onde Lacan vai inscrever a vida²⁴. Nas palavras de Eidelsztein: “o real é articulado à lógica partindo do estabelecimento do impossível que se lê e se escreve em letras de álgebra e número, assim como operam a lógica e a matemática e que, por essa razão, forclue o sentido”²⁵. Mas isso é uma questão que, por ora, não nos cabe.

Na sentença que aqui discutimos, a qual abre nossa problemática, encontramos a afirmação lacaniana que diz ser o Outro radical o real também em sua forma radical, e vimos como esse real radical é vinculado a um absoluto pré-ontológico, da ordem de um *Lógos*. Ademais, no esquema que Lacan analisava em sua aula, o A, o Outro, estaria ou seria o polo radical da relação inconsciente ou subjetiva, aquela que sai de A e se direciona a S (o sujeito), cortando e sendo cortada pela relação imaginária (a - a’). Então, que quer dizer Lacan ao afirmar que seu Outro, depois de o selar com a alcunha do “*um* que não é”, a partir de Parmênides, é o real? Como entender que esse “*um* que não é” pode ser o polo real (ainda que arquetípico) de uma relação dita subjetiva? Bem, poderíamos responder com

²² LACAN, Jacques. (1955-1956). *Psychoses*, 1956, p. 208 (tradução nossa).

²³ LACAN, Jacques. (1972-1973). *Seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008b, p. 122.

²⁴ LACAN, Jacques. *La Troisième*, 1974.

²⁵ EIDELSZTEIN, Alfredo. *Otro Lacan*. Buenos Aires: Letra viva, 2017, p. 147 (tradução nossa).

a construção já consagrada que diz ser o inconsciente o discurso do Outro²⁶, afirmando que o sujeito é sempre sujeito do inconsciente e, portanto, sujeito assujeitado ao discurso do Outro. E talvez pudéssemos avançar dizendo que o Outro não sendo, mas sendo absolutamente radical enquanto raiz, é início e função da fala, lugar do qual parte o discurso e os significantes que constroem e criam o sujeito. Tudo isso seria válido, mas, para aprofundar essas respostas, propomo-nos trazer à discussão a conferência *A terceira*, na qual Lacan vai desenhar um nó borromeu extremamente específico porque nele poderá escrever três significantes distintos em cada buraco (do simbólico, do imaginário e do real).

No buraco do simbólico, Lacan escreve morte, no buraco do imaginário, corpo e, finalmente, no buraco do real, vida. Deixemos a escrita da morte no simbólico à parte nesse momento – uma vez que ao final desse trabalho pretendemos sustentar a tese de que essa morte, escrita no simbólico, pode justamente ser compreendida como causa eficiente do *parlêtre* – e partamos à tentativa de explicação breve dos outros dois registros. Escrever corpo no imaginário sustenta a aposta de Lacan de que o corpo é construído com palavras, desde fora de si mesmo e em espelho²⁷. Ou seja, nesse sentido o corpo e seu contornante borromeano, o imaginário, é logicamente posterior ao simbólico, porquanto constituído de significantes e pelos significantes²⁸. Já, por sua vez, a vida, inscrita e escrita no buraco do real, nos coloca uma nova questão assaz interessante.

Lacan diz, n’*A terceira*, que da vida não sabemos nada além da ideia vaga que dela se deve gozar. Além disso, diz que a própria ciência nos mostra que não há nada mais real, ou seja, mais impossível do que a própria vida em si, ou seja, é da ordem de um impossível o fato dela, quimicamente falando, ter começado. Lemos aqui, no buraco do real, o impossível de se ler, escrever e compreender - porque o sentido é foracluído - o fato mesmo de haver vida. Ademais, ousamos um acréscimo ao vincular essa explicação ao absurdo da existência conforme podemos ler em Albert Camus²⁹ quando compreendemos o sentimento do absurdo como a incapacidade, melhor, a impossibilidade humana de apreender o sentido da vida - justamente porque não há. Seu sentido resta foracluído. Afinal, diz o filósofo que “o absurdo nasce desse confronto entre o apelo humano e o silêncio irracional do mundo”³⁰,

²⁶ LACAN, Jacques. (1953). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998b.

²⁷ LACAN, Jacques. (1949). O estádio do espelho como formador da função do eu. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998a.

²⁸ EIDELSZTEIN, Alfredo. *Otro Lacan*. Buenos Aires: Letra viva, 2017.

²⁹ CAMUS, Albert. *O mito de Sísifo*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2017.

³⁰ CAMUS, Albert. *O mito de Sísifo*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2017, p. 39.

mas não porque o mundo não pode falar, senão porque absurdo “significa: ‘é impossível’”³¹.

Como pudemos ver, esse real, tratado por Lacan em 1974, é distinto daquele operacionalizado por ele em 1955. O real radical, vinculado ao Outro radical do segundo *Seminário* é primeiro, é causa, função, é essência, se quiserem; é *arché*, apesar de insubstancial porquanto o *um* não é. Eminentemente distinto do real localizado no nó borromeu, uma vez que este é terceiro³². Ainda mais, a afirmação de que o Outro radical é o real enquanto causação e radicalmente pré-ontológico, ganha sustentação ao entendermos a proposta lacaniana de um Outro enquanto *um* que não é, ou seja, insubstancial. Mas falaremos disso em nossas considerações finais; por ora cabe seguirmos a discussão e trabalharmos a última parte da citação, aquela que relaciona o Outro radical ao lugar desde onde se verifica a relação com a pulsão de morte.

3. A pulsão de morte

Disse Lacan, então, que o Outro radical é “o que Freud descreve como o lugar onde ele vai inscrever a relação com o instinto de morte”³³. Lugar, o Outro é um lugar. O lugar desde onde partem os significantes que causam, que criam o sujeito ($A \rightarrow S$), se nos lembrarmos da relação subjetiva, inconsciente, apresentada pelo psicanalista francês em 1955. É um lugar, contudo, não substancial, no sentido de que a ele não é possível empregar a lógica da extensão; é um lugar que, não obstante, tem uma função: a função da fala. É nesse lugar que, diz Lacan, podemos reconhecer a construção freudiana da pulsão de morte ou, em outras palavras, o Outro é um lugar no qual está inscrita a relação do sujeito com a pulsão de morte. Contudo, cabe dizer que com Lacan a pulsão é entendida de maneira diferente de como fora proposta em 1920 por Sigmund Freud.

Lembremos que em *Além do princípio do prazer*³⁴ Freud reformula sua teoria pulsional condensando as então pulsões sexuais e de autopreservação na nova pulsão de vida, ou Eros e opõe a esse impulso construtivo o que vai nomear como *Todestrieb*, pulsão de morte. Em Freud, pelas características que brevemente já citamos, a pulsão participa de um raciocínio orgânico, porquanto sua fonte é o corpo, e implica um epifenômeno mental, psíquico.

³¹ CAMUS, Albert. *O mito de Sísifo*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2017, p. 40.

³² LACAN, Jacques. (1975-1976). *O Seminário, livro 23: o sinthoma*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

³³ LACAN, Jacques. *Le moi*, 1955, p. 300 (tradução nossa).

³⁴ FREUD, Sigmund. (1920). *Além do princípio de prazer*. In: _____. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996a.

Funciona, dessa forma, a dualidade cartesiana em sua magnitude, até porque o conceito de pulsão em Freud resolve sobremaneira o problema cartesiano de localizar o espírito na *res extensa*. Seja como for, o que Lacan vai entender da pulsão é diferente do impulso freudiano com fonte orgânica; para Lacan, “as pulsões são, no corpo, o eco do fato de que há um dizer”³⁵, o que implica dizer que primeiro há o fato de dizer, e depois o dito faz eco no corpo e cria as pulsões. Assim, o Outro radical enquanto real radical, um real que é *Lógos*, porém insubstancial, um lugar desde onde há função da fala, o Outro pode ser entendido como o lugar de onde partem os significantes, um discurso, um dito que cria o corpo do *parlêtre* e cujo eco monta a pulsão. Contudo, não é qualquer corpo, ou melhor, não se trata aqui de um corpo orgânico.

Lembremos que Lacan escreve corpo no buraco imaginário de seu nó, registro secundário em relação ao simbólico e anterior ao real. Ou seja, o corpo consistente se constrói posteriormente ao corpo do *parlêtre*, onde ecoa o dito do Outro. Não é, portanto, um corpo extenso do que se aqui se trata, mas sim um corpo de substância gozante. Um corpo criado desde Outro lugar por meio do significante, um corpo de significantes. Criado desde o insubstancial *um* que não é e que, justamente por não ser, implica aos significantes que existam apenas pela própria alteridade. Recordemos também o que nos diz a nona hipótese de Parmênides ao colocar em evidência que as coisas múltiplas não serão *um* justamente porque o *um* não é. Em outras palavras, o sujeito ou, ainda melhor, o *parlêtre* não é, não pode ser, porque o Outro, lugar que parte os elementos insubstanciais que o criam, os significantes, esse Outro radical, apesar de real, não é.

Bem, se o *parlêtre* é também insubstancial, ou seja, corrobora a antifilosofia lacaniana, a antiontologia lacaniana, cabe apontar que ele é (*être*) apenas depois de se falar (*parle*), ou melhor ainda, apenas depois de ser falado³⁶. Isso fala, recordemo-nos, isso fala porque não há um ser que fala; o Outro resta insubstancial, já que o *um* não é. Enfim, reflexões postas, cabe rumarmos às nossas considerações finais no intuito de tentarmos sustentar a tese

³⁵ LACAN, Jacques. (1975-1976). *O Seminário, livro 23: o sinthoma*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007, p. 18.

³⁶ EIDELSZTEIN, Alfredo. *Otro Lacan*. Buenos Aires: Letra viva, 2017.

proposta de que a morte pode ser lida como causa eficiente do *parlêtre* e um dos nomes do não-ser.

Conclusão

Retomemos nosso problema: escutamos, em 1955, Lacan dizer que o Outro, o Outro que à época nomeara como radical, deveria ser entendido como aquele das hipóteses de Parmênides, idêntico ao real radical e concordante com o lugar no qual Freud localiza a relação com a pulsão de morte. Disso, vimos que a então radicalidade do Outro, que se adequa a um conceito de real de igual radicalidade, deve ser compreendido como o *um* que não é, no sentido de que não há um ser ontológico no qual sustentar o Outro e que, apesar de insubstancial, porque não é, tem efeito nas coisas e nos demais seres que também não são. Vimos também que o real enquanto radical e que se vincula ao Outro conforme pensado no *Seminário do eu*, deve ser considerado como distinto do real como pensado posteriormente. Esse real, ou melhor, a radicalidade do real da qual fala Lacan nesse momento e que qualifica como seu Outro radical deve ser pensado como um lugar insubstancial desde onde parte o vetor da causação subjetiva ($A \rightarrow S$) e de tudo o que há no mundo – uma vez que o universo, lacanianamente falando pelo menos, é um universo de linguagem, criado pelos significantes. Finalmente, compreendemos também que esse Outro enquanto radical é o lugar da função da fala e o lugar de onde parte o dizer que faz eco no corpo gozante criando as pulsões.

Não obstante essas construções, cabe ainda aprofundarmos a questão do conceito lacaniano de *parlêtre*, vinculá-lo ao nó borromeu e à substância gozante para, finalmente, conseguirmos sustentar o argumento que nos propomos trabalhar, de que o conceito de morte no nó de Lacan pode ser entendido como um dos nomes do não-ser, ou do *um* que não é e, justamente por isso, pode ser compreendido como causa eficiente do *parlêtre* e de tudo o mais no universo linguageiro.

Em sua aula de 08 de março de 1972, já no *Seminário: ...ou pior*, Lacan afirma claramente que a ontologia é uma vergonha ou, se quisermos circunscrever ainda mais, em psicanálise, no campo que nos é próprio, empreender ou compreender o sujeito a partir de uma ontologia é vergonhoso. Ontologia, parcamente explicada, é a leitura de um homem ou um sujeito como ser, é entender que *um* é e, por conseguinte, as coisas também são, que possuímos essência, que nós, sujeitos, seres humanos ou indivíduos, somos; ou, como

simplesmente explica Lacan: é “a consideração do sujeito como ser”³⁷. É assim, portanto, que Lacan sustenta sua antifilosofia, com uma teoria que rechaça qualquer possibilidade de ser ontológica ou que, ao menos, retorce toda ontologia. E isso ele faz desde 1955 ao nos dizer que seu Outro radical é o *um* que não é e, porque não é, faz com que as coisas também não sejam e apenas se reconheçam diferentes pela lídima diferença entre elas.

A despeito desse raciocínio, Lacan vai propor alguns conceitos nos quais se encontra o ser, *être*, mesmo que enviesado, a lembrar, por exemplo: *parlêtre*, *dêsetre* e *manque à être*³⁸. Aqui nos interessa o *parlêtre*, falasser. Um ser que não é e que vem depois da fala, que é efeito da fala, efeito do fato de que existe um dizer. Há dizer, há *Lógos*, há dizer e, por isso, há efeito. O efeito de que há um dizer é a criação. A criação de uma substância que é efeito do fato de que há um dizer, e não necessariamente do que se diz. O fato de que há um dizer que é insubstancialmente dito, cria uma substância, a substância gozante – distante das outras duas descritas por Descartes. Essa substância cria um corpo, aquele que deveria ser trabalhado pela psicanálise. Diz Lacan em 1972 que o Outro simboliza, goza, cria um corpo e “comporta talvez algo de natureza a fazer pôr em função uma outra forma de substância, a substância gozante”³⁹.

Ademais, continua o francês: “isso só se goza por corporizá-lo de maneira significante”⁴⁰. O *parlêtre* é da ordem desse corpo criado pelos significantes que o gozam desde Outro lugar, um lugar que Lacan vai denotar como buraco, hiância ou, até mesmo, bocejo, *béance*. Como ele nos explica em 1964: “a hiância do inconsciente, poderíamos dizê-la *pré-ontológica*”⁴¹. Ainda diz que a emergência inicial do inconsciente tem a característica de não servir a uma ontologia e que aquilo que é da estrutura do inconsciente é justamente “que ele não é nem ser nem não-ser, mas é algo de não-realizado”⁴². Ou seja, o *parlêtre* pode ser pensado como esse criado desde um lugar pré-ontológico, não-realizado, um lugar do qual devemos dizer apenas que há um dizer; ou, como já consagrado, Isso fala.

Se for assim, vale assimilar a ideia do *Lógos* como discurso enquanto *arché* heraclitiana retomada por Lacan para lhe servir como o lugar insubstancial no qual podemos inscrever

³⁷ LACAN, Jacques. (1971-1972). *O Seminário, livro 19: ...ou pior*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012, p. 113.

³⁸ EIDELSZTEIN, Alfredo. *Otro Lacan*. Buenos Aires: Letra viva, 2017.

³⁹ LACAN, Jacques. (1972-1973). *Seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008b, p. 29.

⁴⁰ LACAN, Jacques. (1972-1973). *Seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008b, p. 29.

⁴¹ LACAN, Jacques. (1964). *Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008a, p. 37.

⁴² LACAN, Jacques. (1964). *Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008a, p. 37.

o fato de que existe dizer. É desse lugar que se lê, na primeira historieta do Gênesis, Elohim proclamar: “Haja luz”⁴³ (Gn 1:3). Uma proclamação sem ser. Dessa forma, há algo antes do problema entre ser e não ser: chamem Elohim, se desejarem, ou Outro radical. Fato é que, para Lacan, seu *parlêtre* e tudo o que existe no universo de linguagem é causado, melhor ainda, criado desde um lugar pré-ontológico, insubstancial, que, por meio dos significantes, age criando o mundo. O *parlêtre* se origina desse não-ser, desse *um* que não é e que é prévio à qualquer questão de ser.

Agora, isso se relaciona muito bem com a função do buraco, da hiância, fenda, bocejo, lugares vazios tão repetidos no ensino de Lacan. Lugares que nos convocam a pensar em uma criação *ex-nihilo* e se organizam de maneira singular no nó borromeu. O nó borromeu, lembremos, é constituído de buracos, e dos seus três principais – simbólico, imaginário e real – desejamos lembrar daquilo que se encontra escrito no buraco do simbólico. Buraco primeiro, porquanto fonte posterior da linguagem, é veículo do fato de dito que cria o mundo. Ali, naquele buraco, Lacan escolheu escrever morte.

A morte não é real⁴⁴, não está no real, ela é simbólica. E é simbólica, entendemos, porque se trata de uma promessa, uma crença, uma profissão de fé. Lembremos o que disse o psicanalista francês em 1972 na *Conferência de Louvain*: “a morte é do domínio da fé. Vocês estão certos em acreditar que irão morrer - isso os sustenta”⁴⁵. A morte é do domínio do simbólico, é uma profissão de fé, porquanto precisamos acreditar nela para que possamos nos movimentar e desejar. A morte é da ordem desta hiância criadora, função reconhecida no entre significantes ($S_1 - S_2$). A morte é, ademais, uma promessa. Destinação proferida por YHWH em um tempo antes do início do ser humano, um tempo no qual Adão e, posteriormente Eva, era da estrutura de um real radical, eram *um* com YHWH: “Não coma a fruta dessa árvore; pois, no dia em que você a comer, certamente morrerá”⁴⁶ (Gn 2:17). A morte tem uma função, uma função inaugural para a descendência de Adão.

A morte enquanto proferida e prometida, esperada, faz função criadora de desejo; e a promessa recebida, entretanto adiada, faz função como causa eficiente para o *parlêtre*. É por meio do buraco no simbólico, onde Lacan localiza a morte, que passam os significantes a formar a substância e o corpo gozante do *parlêtre*. A morte está justamente na hiância, no

⁴³ FRANCISCO, Edson de Faria. *Antigo Testamento Interlinear Hebraico-Português*. Volume 1. Pentateuco. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, p. 3.

⁴⁴ GOLDENBERG, Ricardo. *Desler Lacan*. São Paulo: Instituto Langage, 2019.

⁴⁵ MILLER, Jacques-Alain. *Jacques Lacan: Conférence de Louvain. Revue La Cause du Désir*. França, n. 96, 2017, p. 11.

⁴⁶ FRANCISCO, Edson de Faria. *Antigo Testamento Interlinear Hebraico-Português*. Volume 1. Pentateuco. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, p. 6.

bocejo, velada e desvelada, prometida e alcançada, contudo prorrogada. A morte de Lacan é um dos nomes do não-ser enquanto sua face se vira para o polo pré-ontológico do nó, que Lacan nomeou Outro radical; e a morte é causa eficiente quando se coloca como passagem e promessa necessária para suportar e ser suporte de toda e qualquer vida dita humana.

Referências

CAMUS, Albert. *O mito de Sísifo*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2017.

EIDELSZTEIN, Alfredo. *Otro Lacan*. Buenos Aires: Letra viva, 2017.

FRANCISCO, Edson de Faria. *Antigo Testamento Interlinear Hebraico-Português*. Volume 1. Pentateuco. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil.

FREUD, Sigmund. (1920). Além do princípio de prazer. In: _____. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira. Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996a.

FREUD, Sigmund. (1933 [1932]). Conferência XXXI: A dissecação da personalidade psíquica. In: _____. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira. Vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1996b.

GOLDENBERG, Ricardo. *Desler Lacan*. São Paulo: Instituto Langage, 2019.

LACAN, Jacques. (1955). *Le moi*, 1955. Disponível em: staferla.free.fr. Acesso em 12 abril 2020.

LACAN, Jacques. (1955-1956). *Psychoses*, 1956. Disponível em: staferla.free.fr. Acesso em 22 abril 2020.

LACAN, Jacques. (1974). *La Troisième*, 1974. Disponível em: staferla.free.fr. Acesso em 20 abril 2020.

LACAN, Jacques. (1949). O estádio do espelho como formador da função do eu. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998a.

LACAN, Jacques. (1953). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998b.

LACAN, Jacques. (1975-1976). *O Seminário, livro 23: o sinthoma*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

LACAN, Jacques. (1964). *Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008a.

LACAN, Jacques. (1972-1973). *Seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008b.

LACAN, Jacques. (1971-1972). *O Seminário, livro 19: ...ou pior*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

MILLER, Jacques-Alain. Jacques Lacan: *Conférence de Louvain. Revue La Cause du Désir*. França, n. 96, p. 07 – 30, 2017. Disponível em: <http://www.cairn.info>. Acesso em: 12 abril 2020.

PLATÃO. *Parmênides*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2003.

ROUDINESCO, Elisabeth & PLON, Michel. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SOUZA, José Cavalcanti (Org.). *Pré-Socráticos - Vida e Obra: fragmentos, doxografia e comentários* (Coleção Os Pensadores). São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999.